

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

LATIM: UM RETRATO DA ALMA DO PORTUGUÊS

Amós Coêlho da Silva (UERJ)

amosc@oi.com.br

Não apenas em autores de línguas neolatinas, mas em muitos autores ocidentais lemos assuntos de latim.

Em Machado de Assis, o "Capítulo II – Do Livro" explica os motivos da existência de sua obra prima: *Dom Casmurro*. A insinuação de não alcançar o sentido *de tais personagens*, como se lê na segunda linha do texto destacado é a porta machadiana que propicia um confronto entre *sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas* (terceira e quarta linhas). A digressão, ou melhor, a fórmula de evidenciar *os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa* (na primeira linha) é oportuna, pois traz em sua narrativa uma miscelânea de citações dos clássicos; entrelaça este momento do cotidiano em confronto com a História. Narra o particular, mas reflete sobre a universal História do Ocidente.

Nesta passagem há uma descrição do seu projeto de reconstruir a casa da Rua Matacavalos (atual Rua do Riachuelo) na nova casa do Engenho Novo, onde vive só. Eis a passagem:

Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeito, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?*

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo.

Incita-o a *fazer os (s)eus comentários* (antepenúltima linha). Eis César que nasceu no ano 100 a. C. e viveu na República Romana até 44 a. C. e marcou, não só a história de Roma, mas todo o Ocidente pela sua trajetória de estadista e militar. Tornou-se personagem protagonista da tragédia de William Shakespeare: *Júlio César*. Líder político e militar, conquistador das Gálias, que representa grande parte da Europa. Lutou contra o senado, aliado do poderoso Cneu Pompeu, o Grande (106 a 48 a. C.), uma tradução portuguesa do latim *Magnus*, os quais defendiam a continuidade da República. Aneixadas as Gálias a Roma e derrotados os *optimates*, César torna-se *dictator perpetuus* de Roma e empreende profunda reforma no Estado. Uma marca está no nosso calendário: ao reformá-lo introduziu o mês de julho, de seu nome *Caius Iulius Caesar*. Seu governo durou

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

um ano apenas, mas as bases do Estado se consolidaram de tal forma que geraram o epíteto: Roma Eterna.

A outra citação: Augusto é a evolução histórica de Otávio (Caio Otávio Turino), nome de nascimento do sobrinho de Júlio César, que o adotou como filho e, após a adoção, passou a ser chamado de Otaviano (Caio Júlio César Otaviano). Nasceu em 63 a. C. e foi o primeiro imperador romano: de 19 a. C. a 14 d. C. Seguiu os passos de César, não só como herdeiro, mas também pelo seu talento de estadista. De certa forma, pressionou o Senado recebeu o cognome de César Augusto. Antes de tornar-se imperador, teve de derrotar, primeiramente, as tropas de Bruto e seus aliados. Bruto era também filho adotivo de César e a frase latina *Et tu, Brute, fili!, Também tu, meu filho Bruto!*, foi citada pelo historiador Suetônio (Caio Suetônio Tranquilo: *circa* 69 a 141 d. C.) e foi imortalizada na peça de Shakespeare, citada acima, Temos em nosso calendário o mês de agosto proveniente de *Augustus, o nobre, o divino*; dele, a palavra proferida não era apenas uma ordem, era uma lei a que todos obedeciam. Com ele, instituíram-se os Césares, que, ao falecer, realizavam a apoteose, ou seja, se afastavam, conforme o elemento prefixal *apo-*, em forma de divindade, no elemento *-teo-*. O poeta Vergílio enfatiza um antigo desejo da ilustre família de César:

*Ecce Dionaei processit Caesaris astrum,
Astrum quo segetes gauderente frugibus*

Eis que se adianta o astro de César, filho de Dione,
Astro do qual as colheitas se alegrariam em frutos...

Na noite em que César foi assassinado ocorreu uma estrela cadente. O povo começou a crer que seria corpo de Júlio César se deslocando para o Olimpo, realizando a apoteose. Otávio, como já se disse, herdou de César alguns elementos de poder e conseguiu que o Senado o denomina-se Augusto César; em seguida, oficializou, como já disse, a apoteose dos Césares. Augusto, que era um simples adjetivo, mas com significado de o majestoso, o venerável, passou a ser indicativo de sua divindade. Isso mesmo se dá com o príncipe D. Sebastião de Portugal, a quem Luís Vaz de Camões dedicou *Os Lusíadas*. O nome Sebastião, do grego ‘sebastós’, também significa o elevado. Augusto, por causa das reformas realizadas por este imperador e uma delas foi o calendário, como o fez também Júlio César, incluiu seu nome no calendário, por isso temos o mês de julho e agosto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nero foi na sequência dos doze Césares outro imperador romano. Massinissa, rei da Numídia, foi um aliado de Roma contra Cartago, a maior inimiga de Roma.

Lobo Neves, personagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na sua militância política, sobre a qual ele, o Lobo Neves, definiu: *a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfídias, interesses, vaidades* (p. 103), no C. LVIII – *Confidência*. Aliás, Brás Cubas ao ouvir Lobo Neves, sentiu-se aliviado, porque descobriu como era vão o susto que andava a levar sobre possíveis suspeitas de ele ser amante de Virgília, e de verdade o era. Ela, na visão de Lobo Neves, era uma esposa exemplar, como convém a um político: *Pura ilusão! Como (o Lobo Neves) adorasse a mulher, não se vexava de mo dizer muitas vezes; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amável, elegante, austera, um modelo. E a confiança não parava aí. (...) A ironia a esse comportamento dos políticos é clara. O nome dela é uma alusão ao poeta Vergílio¹, que se tornou Virgílio por associação alegórica, na Idade Média, a ‘virgo’ que se liga ao sentido de Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, símbolo de pureza espiritual, o que, além do mais, contrasta com o cinismo de Virgília que não deixa transparecer nas suas emoções o seu adultério. No C. LXXXIII – *A presidência*, Lobo Neves vê concretizar mais um sonho: a presidência de uma província.*

E desta moda comentada por Machado de Assis no começo do texto destacado aqui, temos também, por exemplo, os Arcos da Lapa, engenharia que é um legado romano, cuja construção dos colonizadores portugueses se deu durante o Período Colonial.

De modo que não houve apenas a transplantação do português para o Brasil. Junto com o Português, veio também, entre outras coisas, inclusive, essa marca arquitetônica dos etruscos: o arco arredondado.

¹ Cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius < *uerg (cf. gr. érgon = ação; trabalho; *enérgeia* = energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil, associou o seu nome a *uirgo* (virgem); daí, em port. Virgílio, em fr. Virgile, em ingl. Virgil.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Para Machado de Assis, em cuja biblioteca particular dispunha de Aristófanes, Aristóteles, Ésquilo, Heródoto, Homero, Luciano, Platão, Plutarco, Sófocles, Catulo, Horácio, Tácito, Ovídio, Vergílio e, é claro, Dante, Ariosto, dentre outros, a renovação teórica sobre as formas literárias faz parte das gerações, mas sob a perspectiva que algo do passado há de ser um legado inevitável ao espírito humano: "há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Lord Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos". (*apud* Castello, 1963, p. 59)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Cultrix, 1963.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1977.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1991.

CASTELLO, José Aderaldo. *Nossos clássicos: Machado de Assis – crítica*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature*. London: Oxford, 1949.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Volume I Cultura grega, II Cultura latina. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

SPALDING, T. O. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: [s.e.?], 1968.